



**LIVRO 45 - BRINCADEIRAS  
OU TRAVESSURAS? -  
Brincadeiras de crianças que  
maltratam os animais**

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história de brincadeiras de crianças que se transformam em maus tratos com os animais. Em algumas horas de diversão, sob o olhar de seus pais, muitas crianças usam, em suas brincadeiras, pequenos e inocentes animais que acabam sendo vítimas e sofrem com estas brincadeiras. Muitos destes pobres animais, chegam até a morte. As crianças não fazem isto por maldade e elas não têm a noção do que estas brincadeiras representam para a vida destes animais. Assim, o livro procura demonstrar o lado dos animais vítimas destas brincadeiras e os sofrimentos que causam. Mostra, igualmente, as consequências destas brincadeiras para a Natureza. É um livro que procura sensibilizar os pais e as crianças para que respeitem todos os animais como criações da Mãe Natureza e de Deus. Seus ensinamentos servem, igualmente, para o desenvolvimento de sentimentos humanos elevados, coração gentil para com os animais e consciência para a proteção do meio ambiente e da ecologia.*

J. J. Dacosta

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

**J. J. Dacosta**

O dia amanhecia lindo. O sol pintava o céu de amarelo, enxugando as gotas de orvalho das folhas das plantas que se formaram na noite anterior.

Pedrinho ainda dormia, mas sua mãe se preparava para acordá-lo. Mais um dia de aula o esperava na escola.

Pedrinho, como sempre, levantava-se sonolento e fazia tudo como se fosse um robô. Parecia que ele estava meio acordado e meio dormindo! Lavava o rosto, escovava os dentes, vestia-se, penteava os cabelos, pegava seu material escolar e dirigia-se à mesa do café da manhã.

Na verdade, Pedrinho desligava seu jeito robô somente depois do café da manhã. Depois disto, ele voltava a ser a criança esperta e alegre que todos da casa conheciam. Ele gostava de estudar e se dirigia à escola como muita motivação e entusiasmo.

No parque ecológico, a lida dos animais em busca de seu alimento do dia já começara logo ao nascer do sol.

O parque ecológico era o local preferido de Pedrinho para brincar e passear. Ele gostava de ter contato com a natureza, ouvir o canto dos pássaros, sentir o cheiro gostoso das flores.

O parque ecológico era perto da casa de Pedrinho. Lá tinha muitas árvores, um grande lago e trilhas para as pessoas fazerem caminhadas. Tinha, também, um parque com diversos brinquedos. Este era o local preferido da criança.

E no formigueiro existente no parque ecológico a movimentação já era grande! E o comandante das formigas dava as ordens:

- Formigas operárias! Sigam em direção ao seu trabalho de cortar e recolher folhas fresquinhas. Escolham uma planta com muitas folhas, mas não cortem todas as folhas!

- Tenham cuidado! E lembrem-se que muitos animais gostam de nos comer, como os pássaros, os lagartos, os sapos e o tamanduá!

- Vocês, formigas que vão ficar no formigueiro, façam a faxina do formigueiro jogando o lixo para fora, façam os reparos no formigueiro, transportem os alimentos para os filhotes e, principalmente, para a nossa rainha!

- E, finalmente, as formigas soldados devem cuidar da segurança e ficar sempre alertas contra invasões de outros insetos e outras formigas!

Após as ordens da comandante, cada formiga ocupou o seu posto e iniciou o seu trabalho.

As formigas vivem em colônias muito bem organizadas e cada uma tem uma função específica - as operárias trabalham, a rainha é a mãe de todas e os soldados são os guardas.

A cidade das formigas se parece muito com a cidade dos homens. As formigas são grandes construtoras e trabalham incessantemente. Elas constroem ninhos subterrâneos escavando a terra. O formigueiro é formado por muitas salas interligadas por galerias e túneis.

Estas salas, chamadas de câmeras, são usadas como berçário, despensa para armazenar comida, depósito de lixo e lugar de descanso para as formigas operárias.

Um grupo de operárias cuida dos ovos da rainha e limpam o ninho. Outras, chamadas de jardineiras, têm a tarefa de cuidar dos chamados jardins de fungo, que é a comida das formigas.

Muitos pensam que as formigas se alimentam das folhas que carregam. Mas, na verdade, as folhas trituradas servem apenas como matéria-prima para proliferação de fungos. Estes, sim, são o principal alimento das formigas. Por isso, os jardins de fungo são essenciais para a sobrevivência de todas as formigas.

Estes admiráveis insetos devem ser muito respeitados. Afinal de contas, eles existem em no Planeta Terra há mais de 100 milhões de anos!

Existem vários tipos de formigas. Mas, o formigueiro do parque ecológico era herbívoro, ou seja, produziam seu alimento a partir das folhas das plantas.

As formigas eram muito importantes para o parque ecológico, onde Pedrinho gostava tanto de passear e brincar. Elas cortam partes específicas das plantas, regulando o seu crescimento, acelerando o crescimento de flores e frutos.

Além disto, as formigas acumulam grande quantidade de nutrientes no formigueiro, permitindo o crescimento de outras plantas que se alimentam destes nutrientes, como minerais e nitrogênio.

E, como elas faziam todos os dias, as formigas operárias caminhavam alegres e felizes em uma trilha que ia de uma árvore até a entrada do formigueiro.

Elas carregavam nas costas pequenos pedaços de folhas cortadas, bem maiores do que elas.

E elas cantavam, formando um coral que somente as pequenas e trabalhadoras formigas conseguiam ouvir:

*Vamos felizes e unidas,  
Levar estas folhinhas  
Para o nosso formigueiro.  
Elas são nossa comida,  
Dada pelas plantinhas,  
Nosso sustento o ano inteiro!*

Mas, de repente, uma tragédia terrível interrompeu a marcha das formiguinhas. E o grito de alerta foi dado!

- Cuidado! Fugam! Estamos sendo atacadas! Diziam algumas formigas.
- Mas, por quem? Algum pássaro, algum sapo? Ou seria um lagarto ou até mesmo um tamanduá? Diziam outras.
- Não, nenhum deles! É um gigante! Gritaram outras formigas.

E um gigante apareceu e, sem dó nem piedade, começou a esmagar as formiguinhas com seus enormes pés. Uma a uma, elas foram pisoteadas e esmagadas junto com suas pequenas folhas.

O alerta e os gritos de socorro chegaram ao formigueiro.

As formigas soldados procuravam o inimigo para defender a colônia. As formigas operárias que estavam em marcha se dispersaram sem rumo pelo mato ao redor da trilha, procurando se salvar. O gigante continuava esmagando todas que pudesse encontrar.

Algumas formigas soldados conseguiram alcançar a perna do gigante, aplicando-lhe dolorosas ferroadas. Mas, nada disto adiantou. Ele continuou pisando e esmagando as pobres formiguinhas até se cansar.

E Pedrinho somente parou de brincar de matar formigas quando sua mãe o chamou para voltar para casa...

Já era tarde e Pedrinho tinha, ainda, que fazer sua lição de casa. Em casa, Pedrinho voltou sua rotina, tomou um gostoso lanche e começou fazer sua lição de casa. Ele queria fazer a lição com capricho e encontrar os resultados das contas dos exercícios de matemática. Isto contaria pontos para a nota na escola.

Mas, o que Pedrinho não fez conta foi das dezenas de formigas que matou. Ele era um bom menino. Entretanto, naquela tarde, ele foi muito malvado com as pobres e trabalhadoras formigas sem saber.

Ele achava, simplesmente, que estava brincando e se divertindo. Afinal de contas, ele pensava que formigas eram apenas bichos que não serviam para nada...

No formigueiro, a tristeza era geral. Dezenas de formigas não retornaram. O precioso alimento do dia não chegou e muitos filhotes morreram de fome. Até a rainha chorou. As formigas soldados retornaram bem mais tarde ao formigueiro. Elas ainda procuravam pelo inimigo que desapareceu.

Pedrinho desapareceu, mas voltou ao parque ecológico nos dias seguintes e voltou a se divertir e brincar de matar as formigas.

Felizmente, um dia, ele se cansou desta brincadeira e deixou as pobres formigas em paz. Mas, antes, ele ainda pegou um graveto e desmanchou a entrada do formigueiro. Em seguida, enterrou o graveto na porta de entrada do formigueiro, fazendo com que as formigas não conseguissem sair, nem entrar.

As formigas continuaram em pânico e assustadas por muitos dias. Mas, elas tinham que comer e sair em busca de suas folhas. Assim, procuravam seguir seu destino. Não havia alternativa. No formigueiro o trabalho era mais intenso ainda. As formigas tinham que reconstruir várias partes do formigueiro destruídas por Pedrinho, construir um novo buraco de entrada. Além disto, teriam que esperar que muitos outros filhotes nascessem com o tempo para repor as dezenas de formigas que morreram.

Levou muitos dias para o formigueiro voltar ao seu normal. A tragédia causada pelo gigante desconhecido nunca foi esquecida pelas pobres e trabalhadoras formiguinhas.

Pedrinho nunca se deu conta do mal que fizera às formiguinhas...

Ele continuou sendo a criança alegre e feliz que sempre foi...

Ele não via, mas a mãe Natureza e Deus agacharam-se na porta do formigueiro e procuraram consolar e ajudar as pobres formiguinhas, encorajando-as a prosseguir na luta pela vida...

\*\*\*

O dia amanhecia cinzento e com muitas nuvens no céu. Era final do inverno. Assim, as manhãs ainda eram frias, mas, depois, o sol elevava a temperatura durante o dia.

O condomínio de casas onde Mariazinha morava era um lugar especial. Além das casas bonitas e bem construídas, havia jardins por todos os lados.

E estes jardins davam o toque maior de beleza ao local. Árvores de frutas e de flores, muitas plantas ornamentais, palmeiras, gramados extensos, um lago no centro do condomínio e, principalmente, muitas flores faziam do condomínio um lugar maravilhoso para se morar.

E Mariazinha gostava muito de morar lá. Ela encontrava tudo o que precisava para brincar e se distrair. Andava de bicicleta, corria pelas alamedas, brincava nos brinquedos do parque destinado às crianças. Raramente, ela pedia para passear em outros lugares.

A escola onde Mariazinha estudava ficava fora do condomínio. Ela era uma boa aluna e dizia que queria ser uma médica quando crescesse.

O inverno estava em seus últimos dias. Logo a primavera teria início e o condomínio se encheria de flores como acontecia todos os anos.

Em uma folha escondida no jardim, minúsculos ovos amarelos começaram a se mexer. De dentro dos ovos, saíram 15 pequenas lagartas. Elas estavam com pressa e se espalhavam pelas folhas da planta para comer. Comiam muito e vorazmente as folhas frescas da planta. No final do dia, elas se juntavam e formavam um grupo para passar a noite. E, no dia seguinte, a rotina se repetia.



Assim, as pequenas lagartas logo se transformaram em grandes lagartas. A primavera havia começado. As noites ainda eram um pouco frias, mas o dia era quente.

Estas lagartas foram criadas pela Mãe Natureza para uma missão muito especial. Após terem ficadas penduradas de cabeça para baixo em um casulo preso às folhas, elas se libertam e se transformam em lindas borboletas. E como borboletas elas cumprem uma missão muito importante - a de polinizar as flores, ou seja, misturar os polens de uma flor para outra. Isto permite à planta desenvolver frutos e sementes. Em troca, as flores retribuem este importante trabalho das borboletas oferecendo-lhes néctar, um mel doce.

Além desta missão ecológica, as borboletas enfeitam os jardins com suas asas coloridas e seu voo gracioso e ligeiro.

A transformação da feia e bizarra lagarta em uma elegante borboleta é um dos grandes milagres realizados pela Natureza.

*(Atenção! Nunca tente pegar uma borboleta com as mãos, pois suas asas, por demais delicadas, perdem as escamas que saem se fossem um pó muito fino que, se levado aos olhos, pode causar grande irritação. Além disto, as asas podem se romper facilmente, condenando a borboleta a não mais voar).*

As borboletas devem ser admiradas, mas não tocadas. As borboletas são delicadas, encantadoras e coloridas. Quando em voo errante, parecem brincar entre as flores dos jardins. Ninguém consegue ficar indiferente ao se deparar com uma borboleta em um jardim. Flores e borboletas formam uma combinação perfeita e maravilhosa!

Certo dia Mariazinha encontrou duas asas de borboleta caídas no chão. Ela gostou tanto de suas cores que Mariazinha teve uma ideia: “Eu vou colecionar asas de borboletas!”.

Assim, ela pediu ao seu pai para comprar uma rede de caçar borboletas. E foi prontamente atendida pelo seu pai. Ele gostava de ver sua querida filha se distrair e brincar nos jardins do condomínio.

Mariazinha começou a caçar as borboletas que via nos jardins. Ela tirava suas asas e colecionava entre as folhas de um caderno. Sua coleção foi aumentando. E logo a diversão de Mariazinha se espalhou para outras crianças do condomínio.

A caçada às lindas borboletas, em busca de suas asas coloridas foi intensa. Todos os dias, várias crianças corriam pelos jardins do condomínio, disputando quem conseguia pegar o maior número de borboletas.

E foi assim que as borboletas acabaram no condomínio. Com o tempo, ninguém mais via as belas borboletas visitar as flores em busca do precioso néctar. As árvores do condomínio tiveram uma produção fraca de frutos. Suas flores não tinham sido polinizadas pelas borboletas, cujas asas agora ficavam entre as folhas de cadernos de Mariazinha e suas amigas.

No ano seguinte, não se via mais borboletas com seus voos graciosos e ligeiros entre as flores dos jardins.

As flores pareciam tristes, sentindo a falta das borboletas.

A beleza dos jardins do condomínio não era mais a mesma. Todos sentiam a falta das lindas e coloridas borboletas.

Mariazinha guardou sua rede de caçar borboletas. Não havia mais borboletas para caçar. As asas das borboletas que estavam no seu caderno com o tempo começaram a se desfazer. Elas não tinham mais a mesma beleza.

Um dia, Mariazinha cansou-se de sua coleção e jogou dezenas de asas de borboletas no gramado. Era a última lembrança das lindas borboletas que, um dia, viviam no local.

Neste momento, a mãe Natureza e Deus choraram pela perda de suas criações tão lindas e tão úteis para todos...

Estas borboletas mortas deixaram de cumprir sua missão. Não puderam colocar seus ovos nas folhas dos jardins do condomínio para que novas borboletas nascessem no ano seguinte. Igualmente, a polinização das flores foi muito prejudicada com sua falta.

Mariazinha e suas amigas continuaram em sua rotina diária de brincar de bicicleta, correr nas alamedas, brincar com os brinquedos do parque, ir à escola.

De vez em quando, Mariazinha e suas amigas olhavam as flores dos jardins e sentiam tristeza por não ver mais as lindas borboletas. E elas se perguntavam: “Nossa! O que será que aconteceu com as borboletas? Elas se foram dos nossos jardins e nunca mais voltaram!”.

Elas não tinham a menor ideia do mal que fizeram às lindas borboletas.

O tempo passou. Um dia, no ano seguinte, uma única borboleta apareceu nos jardins do condomínio. Foi uma festa para Mariazinha e suas amigas. Elas riam de alegria, olhando a borboleta voar de flor em flor, com seu voo gracioso e ligeiro.

Parecia a borboleta mais linda do mundo!

Desta vez, Mariazinha e suas amigas somente olharam e admiraram a borboleta azul. Ela seria uma esperança de que mais borboletas encontrassem nos jardins do condomínio a segurança e o alimento no néctar das flores e retribuíssem com a polinização para a geração de frutos, além de dar novamente a beleza perdida aos jardins.

Mariazinha e suas amigas nem sabiam mais onde estavam as redes de caçar borboletas...

\*\*\*

Na fenda de uma pedra na praia, o casal de caranguejos se preparava para gerar mais filhotes. Os ovos seriam depositados na areia no fundo do mar e eles voltariam para a segurança da fenda na pedra.

O papai caranguejo andava de lá para cá preocupado. Ele queria que tudo desse certo. Ele mantinha as duas garras levantadas, ameaçando qualquer predador.

Mas, a mamãe caranguejo sabia que muitos ovos seriam engolidos por pequenos peixes. Dos outros ovos que restassem, surgiriam pequenas larvas que dariam origem aos filhotes de caranguejo. Entretanto, muitas larvas seriam também devoradas pelos pequenos peixes e outros animais marinhos.

Mas, a Natureza é assim mesmo. Isto se chama equilíbrio ecológico. Por esta razão, a Mãe Natureza já esperava que a mamãe caranguejo depositasse centenas de ovos no fundo do mar. Assim, sempre restariam muitas larvas que se transformariam em pequenos caranguejos.

Nascidos e criados no mar, os pequenos caranguejos sabiam que teriam que procurar a areia da praia para se esconder dos predadores e terminar o seu ciclo de crescimento. Quando já adultos, eles procuram as fendas e buracos nas pedras do mar.

Sempre foi assim há milhões de anos. Muito antes dos homens aparecerem no Planeta Terra, os caranguejos já se utilizavam das praias em seu ciclo de reprodução. Ou seja, os caranguejos chegaram bem antes de nós!

Nesta corrida pela vida, os pequenos caranguejos aproveitam as ondas do mar para chegarem bem próximo da areia. Lá, eles correm em busca de um lugar seguro para fazer um buraquinho na areia e lá ficam até a idade adulta.

Nesta corrida, muitos deles ainda são comidos por pássaros. Assim é a Natureza. Mas, os que restarem é suficiente para assegurar a continuidade da vida da espécie.

Os caranguejos são crustáceos muito interessantes e chamam a atenção de todos na praia, em especial das crianças. Eles possuem o corpo ovalado, dez pés e duas poderosas garras para defesa e ataque. Nunca se deve enfiar a mão em buracos e fendas nas pedras próximas ao mar para evitar uma dolorosa surpresa.

E um pequeno caranguejo chamado Siri conseguiu passar por todos estes desafios. Do ovo gerado por sua mamãe, ele se transformou em uma larva, depois em um pequeno caranguejo, correu para a praia, fez um buraquinho na areia e se escondeu. Agora, ele estava feliz em sua nova casa e sentia-se muito seguro.

Quando a onda do mar batia no buraquinho do nosso amigo Siri, ele saía e aproveitava para se alimentar dos nutrientes contidos na água do mar.

Tudo ia muito bem com o nosso pequeno Siri, até que um dia...

A praia estava lotada de turistas. Entre eles, muitas crianças.

Joãozinho e seus dois irmãos brincavam na água do mar. Eles gostavam muito de pular e se jogar nas águas fresquinhas do mar. Pulavam onda, riam, jogavam bola e se divertiam muito.

Joãozinho e seus dois irmãos eram bons meninos. Gostavam de estudar, obedeciam seus pais e sua professora. E ir a praia era o seu passeio predileto.

Tudo corria normalmente, até que Joãozinho viu o nosso pequeno Siri sair de seu buraquinho. Ele procurava tocar a água do mar trazida pela onda e fazer sua refeição.

Foi quando Joãozinho chamou seus dois irmãos:

- Olha, um caranguejo. Vamos pegá-lo?

E os três começaram a perseguir o pobre Siri. Seus pais riam da brincadeira dos três filhos. Joãozinho cercava o pequeno caranguejo daqui, seus irmãos dali. Siri estava encurralado.

As crianças não podiam ouvir, mas Siri gritava:

- Socorro! Alguém me salve destes gigantes malvados! Eu estou com medo de morrer!

E foi quando aconteceu o pior. Joãozinho pegou um pedaço de pau que estava jogado na areia da praia e tentou segurar as perninhas do pequeno Siri para que ele não fugisse. Apavorado, Siri tentou se livrar. Joãozinho apertou o pedaço de pau no corpo de Siri e ele acabou morrendo.

As crianças, vendo o pequeno caranguejo morto, arrancaram suas garras para mostrar aos seus pais. Eram como dois troféus. Todos acharam graça. Joãozinho e seus irmãos se desinteressaram da brincadeira com o Siri. Em seguida, voltaram para o mar para pular ondas, jogar bola.

O pequeno Siri não conseguiu completar o seu ciclo de vida. Ele morreria antes de poder se esconder no buraco e fendas das pedras do mar e, um dia, gerar seus próprios filhotes.

A tarde na praia estava indo embora, a noite chegava. Joãozinho, seus irmãos e seus pais, voltaram para casa.

Na areia, ficou o corpo inerte do pequeno Siri, à espera de algum pássaro que quisesse, ainda, comê-lo.

Joãozinho e seus irmãos nunca se deram conta que tinham feito uma grande maldade com o pequeno e pobre Siri!

E, como eles, muitas crianças fazem a mesma coisa. É por esta razão que é difícil se encontrar hoje caranguejos nas praias frequentadas pelos turistas. Quase todos são mortos por brincadeiras de criança ou pura maldade dos adultos.

Joãozinho e seus irmãos não ouviram. Mas, perto do Siri, a Mãe Natureza e Deus choravam e lastimaram a morte de um ser tão complexo e importante...

\*\*\*

A primavera é, sem dúvida, a estação mais bonita do ano. Não há quem não goste das manhãs fresquinhas, o sol gostoso ao longo do dia, as flores que se abrem em todos os jardins das casas e das florestas.

E, principalmente, a primavera é a estação do amor entre boa parte dos animais, especialmente, os pássaros. Eles acasalam e fazem os seus ninhos na primavera pela abundância de insetos, flores, sementes e frutos. Assim, podem alimentar seus filhotes e garantir a continuidade de sua espécie.

A sabiá fêmea estava muito feliz com o seu ninho, onde depositara três ovos. Ela já estava chocando os ovos e, muito em breve, três lindos filhotinhos de sabiá nasceriam para alegrar ainda mais a primavera.

O sabiá macho se preocupava em buscar insetos e pedaços de frutas para levar para sua companheira no ninho. Assim, ela não precisava sair para se alimentar, deixando os ovos se esfriarem. Isto poderia causar a morte dos pequenos sabiás em formação dentro dos ovos.

Mas, uma tarde, o sabiá macho não retornou. A sabiá fêmea aguardou durante toda a noite e nada de seu companheiro aparecer. Na manhã do dia seguinte, com fome e preocupada com o desaparecimento de seu companheiro, ela abandonou o ninho e foi à sua procura. Não demorou muito para encontrá-lo morto embaixo de uma árvore.

A sabiá fêmea ficou triste pela perda de seu companheiro. Agora, ela teria que abandonar o ninho, deixando de chocar os ovos. Não tinha como se alimentar sem deixar o ninho. Os três pequenos sabiás que deveriam nascer, também morreram dentro dos ovos frios.

E, nos dias seguintes, outros pássaros apareceram mortos - um filhote de coruja, um tico-tico, um beija-flor, uma maritaca, um canário da terra, entre outros. Todas tinham sido mortas por ferimento causado por pedras.

As aves da floresta não tinham mais dúvidas - um terrível e malvado caçador se encontrava na floresta e estava matando estas pobres e indefesas aves. 'Mas, quem seria?'. Perguntavam.

Na casa da fazenda, Zeca, o filho do caseiro, e Cacá, o filho do fazendeiro, estavam terminando de fazer mais dois estilingues. A caçada do dia anterior foi muito boa e, agora com estes novos e mais poderosos estilingues, eles tinham a certeza de que fariam uma caçada ainda melhor.

Zeca e Cacá eram dois excelentes meninos. Eles ajudavam seus pais nos trabalhos da fazenda, eram alegres e gostavam de ir à escola, apesar da escola ficar longe da fazenda. Eles andavam mais de uma hora de bicicleta até chegar à sua escola.

Entretanto, Zeca e Cacá gostavam de brincar caçando os pássaros que viviam em uma mata próxima da fazenda. Eles faziam isto por pura diversão, não se dando conta do mal que estavam fazendo para estas pobres aves e à Natureza.

Nas grandes cidades não se vê mais crianças brincando com estilingues. Mas, nas cidades do interior é muito comum se ver crianças com estilingues nas mãos e se divertindo matando passarinhos.

E, o que era pior, Cacá costumava falar: “Quando crescer, eu quero ter uma espingarda de verdade e caçar outros animais maiores, como o cervo, o coelho, a anta e, quem sabe um dia, até uma onça! Eu vou ser um grande caçador!”.

Isto é uma grande ameaça para a Natureza! Muitas crianças começam caçando animais por diversão e brincadeira, sem a noção de maldade. Porém, podem se transformar em caçadores malvados e cruéis quando ficarem adultos de forma consciente!

O estilingue é uma arma primitiva, construída com forquilha de madeira ou metal em forma de Y, tendo nas pontas do Y tiras elásticas de borracha, geralmente de lona de pneu. Estas armas podem arremessar pequenas pedras em grande velocidade e força. E estas pedras são o suficiente bastante para esmagar as cabeças das aves ou ferir mortalmente outras partes de seus frágeis corpos.

Entretanto, muitas crianças ficaram cegas de um olho ou tiveram ferimentos graves provocados por outras crianças, quando estas erravam os alvos e as pedras não alcançavam os infelizes pássaros.

Cacá e Zeca cresceram e, com o passar do tempo, esqueceram-se de seus estilingues. Agora, eles valorizavam mais a amizade dos amigos e a aproximação com as meninas da cidade.

Felizmente, Cacá desistiu de ter uma espingarda de verdade e ser um caçador malvado.

A Mãe Natureza e Deus, uma vez mais, choravam quando viram as crianças fazendo estas maldades com suas criações...

Mas, Cacá e Zeca em nenhum momento se deram conta que cometeram esta terrível maldade com os pobres pássaros quando eram crianças...

\*\*\*

Cidinha e Rosinha moravam em uma cidade grande. Apesar disto, no bairro onde elas moravam ainda havia uma lagoa de águas limpinhas. Uma rara mina de água pura brotava de uma pedra dentro da única mata que restara no bairro. E esta mina de água dava origem e vida à pequena lagoa.

Falavam que, um dia, seria construído um condomínio de casas na área onde estava a mata. Se isto acontecer, todas as árvores serão derrubadas, a mina de água secará e a lagoa desaparecerá.

Mas, Cidinha e Rosinha ouviam esta história, mas não acreditavam que alguém teria coragem de destruir uma mata com tantas árvores e plantas e uma lagoa tão bonita para construir casas.

Assim, elas gostavam muito de brincar e passear pelas margens da pequena lagoa.

Na lagoa, alguns sapinhos cantavam:

*O sapo  
Sabe  
Saltar na lagoa*

*O sapo  
Sabe  
Que não voa  
O sapo  
Chape  
Chape  
(David Mestre - Escritor Angolano)*

E a cada canto, os sapinhos pulavam e mergulhavam no lago novamente.



De longe, seus pais Croc e Frog observavam e cuidavam de seus filhotes sapinhos. Eles sabiam que muitos deles não conseguiriam chegar a ser um sapo ou uma rã um dia. Mas, pouco eles podiam fazer, a não ser ensinar seus filhotes a se enterrar no lodo do lago quando viam algum perigo.

E o perigo vinha de alguns peixes que comiam os girinos (como são chamados os filhotes dos sapos) e de aves que comiam os girinos na fase em que estavam se transformando em pequenos sapos.

Mas, sempre uma parte dos filhotes se transformava em lindos e saudáveis sapos e rãs. Assim, a lagoa podia sempre ter sapos e rãs morando lá, alegrando as noites com o seu coaxar.

*(Coaxar. Você não sabe o que isto significa? Então senta que lá vem aula! Coaxar - é a voz do sapo ou da rã. É falar e gritar imitando um sapo ou rã).*

Cidinha e Rosinha moravam perto da lagoa e podiam ouvir o coaxar dos sapos e das rãs à noite:

“Croc, croc, croc”. Coaxava o sapo.

“Cricri, cricri, cricri”. Respondia a rã.

Uma tarde, Cidinha e Rosinha estavam olhando o lago bem perto da margem, quando viram dezenas de girinos pretinhos nadando de lá para cá. Quando os girinos notaram a presença das crianças, logo nadaram para se esconder no lodo do lago.

Mas, em seguida, voltaram à tona. E foi em uma destas tardes que Cidinha teve uma infeliz ideia:

- Rosinha, vamos pegar alguns sapinhos com uma lata e colocar na garrafa? Vai ser divertido olhar para eles dentro da garrafa!

E Rosinha, imediatamente, concordou:

- Boa ideia! Assim, podemos olhar para eles dentro de nossas casas. A minha garrafa com os sapinhos eu vou levar para o meu quarto!

As duas amigas começaram esta brincadeira por pura diversão. Elas arrumaram uma lata de óleo vazia e começaram a caçar os girinos dentro da lagoa. Logo, as garrafas estavam cheias de girinos que nadavam apavorados em volta da garrafa, procurando uma saída.

Assim, as duas amigas iniciaram uma brincadeira mortal para os sapos e rãs da lagoa. Outras crianças do bairro acharam a brincadeira divertida e começaram a caçar os girinos, disputando quem pegava mais.

Em pouco tempo, não se via mais girinos na lagoa. Croc e Frog procuravam desesperados por seus filhotes. Mas, qual nada. Eles não estavam no lodo do lago, nem na beira do lago e em nenhum outro lugar do lago.

Croc e Frog ficaram tão tristes que não coaxaram mais nas noites seguintes.

Em suas casas, Cidinha e Rosinha tamparam as garrafas com uma rolha e ficavam olhando os pobres girinos nadando sem rumo. Eles não sabiam o que tinha acontecido. Mas, não encontravam mais a comida que precisavam, o ar puro, a água limpa da lagoa onde moravam.

Após alguns dias, os girinos começaram a morrer dentro das garrafas. Isto aconteceu com todos eles. Eles morreram de fome, de falta de ar e de viver em uma água que estava poluída.

Mas, Cidinha e Rosinha, bem como as outras crianças do bairro, não sabiam os motivos que levaram os girinos a morrer dentro das garrafas.

- Puxa, que pena! Era tão bonito ver os girinos nadar dentro das garrafas! Diziam todas.

Os pais de Cidinha e Rosinha pediram que elas jogassem a água com os girinos mortos. A água já estava cheirando mal.

- Vamos jogar no lago? Disse Rosinha.

- Vamos! Quem sabe eles ainda conseguem viver! Respondeu Cidinha.

De volta ao lago, os pequenos girinos sem vida voltaram ao seu lugar de origem. Eles boiaram e foram levados pelas pequenas ondas. Alguns peixes ainda comeram alguns.

Croc e Frog se aproximaram de seus filhotes e viram que todos estavam mortos. E choraram muito. Não conseguiam entender quem teve a coragem de fazer tamanha maldade com seus pobres girinos.

Naquele ano, a quantidade de mosquitos cresceu demais e incomodava todos os moradores do bairro. Até doenças eles trouxeram, como a dengue.

E um dos motivos para esta quantidade enorme de mosquitos é que não havia mais girinos, os sapinhos, para comer as larvas dos mosquitos.

Todos perderam. Foi uma brincadeira de criança que se transformou em uma grande tragédia para Croc e Frog.

À noite não se ouvia mais o coaxar dos sapos. E mal se conseguia chegar perto do lago, tal era a quantidade de mosquitos.

Cidinha e Rosinha se esqueceram desta brincadeira nos anos seguintes. Elas eram excelentes meninas que nem perceberam a maldade que fizeram com estes pequenos animais.

Foram centenas de sapinho, ainda girinos, retirados de seu habitat, o lago, que encontraram a morte em garrafas, por pura diversão de crianças. A estes girinos foi negada a vida e a possibilidade de crescerem, se transformarem em sapos e rãs, ajudando na sobrevivência de sua espécie. Que pena...

E, quando passeavam no lago, elas sentiam falta de ouvir o coaxar dos sapos.

E elas não viam mais a graça dos girinos nadar alegres no lago, como pontinhos pretos com um rabinho, se movimentado rapidamente na água.

O lago ficou triste por vários anos. Croc e Frog choravam tanto, que suas lágrimas faziam o lago transbordar.

E o choro deles era seguido pelo choro da Mãe Natureza e de Deus, mais uma vez...

\*\*\*

Quem já viu o mar?

A maioria das crianças já viu. E todas elas tiveram a mesma expressão: “Como o mar é lindo! Quanta água! Que ondas gostosas de se pular! Como a água é fresquinha!”.

O mar é uma enorme extensão de água, que ocupa dois terços do planeta Terra e que se liga entre si através dos chamados oceanos. E o mar é repleto de vida. Estima-se que vivem nos oceanos cerca de 2.700.000 espécies de animais e plantas!

E a vida dos peixes que vivem no mar não é nada fácil. Eles têm que fugir de predadores o tempo todo. Alguns peixes se alimentam das plantas marinhas. Porém, a maioria se alimenta dos próprios peixes, uns comendo os outros.

Em razão disto, as mães peixe produzem milhares de ovos para que alguns poucos peixinhos consigam chegar à idade adulta. Mas, foi assim que a Mãe Natureza criou a harmonia de plantas e peixes nos mares.

Se todos os peixes comessem somente plantas, chegaria o dia em que todas as plantas do mar se acabariam e todos os peixes morreriam de fome. A Mãe Natureza é muito sábia!

Os peixinhos assim que nascem são chamados de alevinos e eles, por instinto, procuram se esconder entre as plantas e os rochedos do mar para não serem comidos pelos predadores.

Alguns peixinhos procuram ficar bem pertinho da areia da praia, onde a água é mais quentinha e onde os predadores não conseguem apanhá-los por ser muito raso. E eles ficam ali até crescer um pouco mais e voltar para o mar.

Mas, o que os peixinhos não contavam é que na praia também correm perigo e risco de vida...

O inverno estava no fim. A água gelada do mar agora começava ficar mais aquecida. Estava se aproximando a primavera. A mãe Tainha sentia que as centenas de ovos que levava em sua barriga precisavam ser desovadas. Ela já fizera isto por alguns anos e conhecia muito bem a rotina.

Assim, procurou os rochedos próximos da praia para encontrar um buraco onde colocaria seus ovos. E ela sabia que a maioria de seus ovos seria devorada mesmo antes dos peixinhos nascerem. E os peixinhos que conseguirem nascer sabiam, por instinto, que tinham que procurar um lugar raso na praia para lá ficarem até crescer e ficar mais fortes. Ao abandonarem a proteção do buraco onde estavam, muitos deles também tinham o seu destino encerrado na boca de outros peixes famintos.

Entretanto, muitos deles conseguiam se aproximar das águas rasas da praia. Mas, apesar de todos os perigos dos predadores, uma boa quantidade deles voltava e se transformava em tainhas adultas que, um dia, também colocariam os seus ovos e perpetuariam a sua espécie. Este era o ciclo de vida das tainhas e de muitos outros peixes dos mares.

Naquela tarde ensolarada e quente, os filhotes de tainha estavam muito felizes na praia, curtindo a água morna e se alimentando dos minúsculos petiscos que a água do mar continha. Alegres, eles brincavam, formavam filas um atrás dos outros, nadavam até a superfície da água, depois mergulhavam até o fundo na areia. Todos se divertiam. “Aqui estamos seguros e ninguém vai nos comer!”. Pensavam todos.

A mamãe tainha nunca mais teve contato com seus filhotes e seguia na sua luta pela sobrevivência. Ela não sabia onde eles estavam, mas sabia que deveriam estar protegidos em algum canto da praia. Quem sabe, um dia, ela e alguns de seus filhotes poderiam se encontrar no mar novamente!

Tudo transcorria bem, até que os filhotes de tainha começaram a sentir que enormes pés se dirigiam em sua direção. E estes pés gigantes começaram a chutar o cardume de peixinhos jogando-os muitos deles na areia quente da praia. Felizmente, outros conseguiram fugir e correram para águas mais profundas da praia. Na areia os pobres peixinhos atingidos pelos chutes se debatiam. Eles sentiam falta de ar e queimavam sob a luz forte do sol. Em seguida, enormes mãos os pegavam e os jogavam em enormes recipientes que continham água fresquinha. Os que caíram nestes recipientes sentiram-se aliviados, porém estavam assustados. Eles sabiam que não estavam mais na água da praia. Outros peixinhos foram esquecidos na areia e morreram estorricados pelo calor do Sol.

Na areia da praia, Lilico e sua irmã Daiane brincavam de caçar peixinhos. Seus pais tinham comprados um balde de plástico para cada um e eles caminhavam pela borda da praia procurando os peixinhos. Quando viam os peixinhos nadar juntos, eles corriam e chutavam os peixinhos em direção à areia da praia.

- Peguei, peguei! Gritava Lilico todo contente e feliz.
- Deixe que eu os coloco dentro do balde! Pedia Daiane.

Os pais de Lilico e Daiane olhavam com satisfação a brincadeira de seus filhos.

- Que bom que eles estão gostando de brincar na praia! Diziam.

E, assim, Lilico e Daiane encheram os dois baldes com dezenas de pequenos peixinhos. Dentro do balde, os peixinhos se debatiam, tentavam encontrar uma saída daquele enorme recipiente e voltar para a praia. A água

do balde estava ficando quente e sem oxigênio. Alguns já começavam a morrer.

Mas, a tarde foi chegando, o Sol já começava a se por no horizonte e os pais de Lilico e Daiane os chamaram para voltar para o apartamento.

- Mãe, deixe eu ficar um pouco mais brincando com os meus peixinhos! Pediu Lilico.

- Pai, eu posso levar meu balde com os peixinhos para o apartamento? Perguntou Daiane.

- Não e não! Disse o pai deles, completando:

- Amanhã, vocês brincam de novo de pescar peixinhos. Agora, jogue os peixinhos fora e vamos embora!

Como Lilico e Daiane tinham aberto um grande buraco na área com as pás de plástico, formando uma poça de água, eles jogaram os peixinhos lá e foram embora de mãos dadas com seus pais...

Nem Lilico, nem Daiane, nem seus pais se deram conta da tragédia que ficara para trás. Na areia, os peixinhos que não foram recolhidos nos baldes, já estavam secos e mortos. A poça de água formada na areia da praia, que serviu de brincadeira para Lilico e Daiane, se esvaziava lentamente. Até que a água toda penetrou na areia, a poça secou e os peixinhos ficaram grudados na areia molhada e todos morreram.

Para Lilico e Daiane foi mais um dia de brincadeira na praia e eles se divertiram muito. Para os seus pais, uma pausa e um descanso, enquanto viam seus filhos brincarem animados na praia.

Nenhum deles ouviu os gritos apavorados dos pobres peixinhos que sofriam e morriam às dezenas. Assim, o mar perdeu dezenas de tainhas que poderiam crescer e, um dia, servir de alimentos para outros peixes, para os próprios homens e, muitas delas, até procriar e gerar centenas de outros peixinhos.

Pior ainda, nenhum deles viu as lágrimas que corriam dos olhos da Mãe Natureza e o olhar triste de Deus...

\*\*\*

E a Mãe Natureza e Deus não pararam de lamentar por tantas outras brincadeiras de crianças que maltratam os animais.

Eles viram crianças amarrarem latas nos rabos de gatos que fugiram como loucos, apavorados. Muitos gatos foram atropelados, outros se esconderam em bueiros e morreram afogados, outros sofreram infecções pelos ferimentos.

Eles viram crianças fazendo coleção de besouros, retirando-os da natureza e expondo-os em quadros espetados com alfinetes.

Eles viram crianças jogando pedras em cachorros de rua, que eram feridos e que aumentavam o sofrimento que estes pobres animais já tinham por viver nas ruas, sem abrigo e sem comida.

Eles viram crianças que amarravam lagartixas pelo rabo com barbante, lançando-as contra a parede ou arrastando-as pelo chão, ferindo-as e até matando-as.

Eles viram crianças colocarem caixas de sapatos em cima de hamsters para que eles se movessem dentro dela de lá para cá, dando a impressão que as caixas de sapatos andavam sozinhas. Muitos deles, saíam com o nariz sangrando e estressados.

Eles viram crianças desmancharem as teias das aranhas que foram feitas por elas com muito trabalho por uma noite inteira. Assim, as aranhas não conseguiram caçar insetos, como o mosquito da dengue, e se não se alimentaram por alguns dias.

Eles viram crianças arrancarem as pernas e asas de insetos para que eles não conseguissem andar ou voar mais e se divertiam com o sofrimento de besouros, borboletas.

Eles viram crianças armar armadilhas para caçar pássaros, como as pombas, que se atreveram a comer alguns grãos de milho ou arroz colocados embaixo das armadilhas.

Eles viram crianças atirarem com espingardinha de chumbo e pássaros, como os beija-flores, aleijando-os e até os matando, brincando de ser caçadores.

Eles viram crianças pisar em todo e qualquer bicho à sua frente, por pura diversão, e viram que estas crianças foram ensinadas pelos próprios pais,

desde pequenos a agirem assim: “Olha um bicho, mata!”. Estas crianças nem sabiam por que estavam agindo assim.

A Mãe Natureza, triste e chorando muito, não quis ver mais nenhuma travessura das crianças naquele dia e perguntou a Deus:

- Deus, por que isto acontece? Quando os humanos e seus pequenos filhotes respeitarão os animais?

- Mãe Natureza, muitos humanos ainda estão em processo de desenvolvimento. Um dia, eles reconhecerão que todos os seres vivos são minha criação. Entenderão que os animais têm alma e consciência e que sofrem dores como todos os humanos. E quando isto acontecer, todos os animais serão respeitados e protegidos.

- Mas, são todos os humanos que agem assim, Senhor? Perguntou a Mãe Natureza.

- Não! Muitos humanos e seus filhotes são generosos com os animais e os protegem. Estes já foram tocados pelo meu amor! Eles descobriram que a verdadeira felicidade está na vida em harmonia com a Natureza, com todas suas plantas, animais, fontes de águas cristalinas, som dos pássaros, o ar puro...

E Deus finalizou:

- Os pais jamais devem se esquecer que as crianças aprendem, na maioria das vezes, pelo exemplo dado por eles. E que pais que maltratam ou têm desprezo pelos animais jamais criarão filhos que respeitam a vida.

Em seguida, Deus levou a Mãe Natureza em seus braços para que ela visse milhões de crianças que gostam e respeitam os animais. Eram crianças brincando e cuidando com carinho de seus cachorrinhos, seus gatinhos, seus coelhinhos, seus hamsters, seus peixinhos nos aquários. Outras crianças, colocavam frutas e sementes no quintal para alimentar os pássaros que vivem nas cidades grandes. Outras, simplesmente admiravam e respeitavam os animais em seu habitat natural. E, o mais importante, deixando que todos os animais seguissem suas vidas em paz.

Por um momento, a Mãe Natureza enxugou as lágrimas de seus olhos e, olhando para Deus, deu um sorriso de alegria e felicidade...

FIM